

QUANDO A ESCRITA RESSIGNIFICA A VIDA: DIÁRIOS DE UM AGRICULTOR - UMA PRÁTICA DE ESCRITA “MASCULINA”

THIES, Vania Grim* – UFPel

PERES, Eliane Teresinha – UFPel

GT-10: Alfabetização, Leitura e Escrita

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

Neste trabalho são apresentados resultados de uma pesquisa cujo objetivo geral é analisar práticas de letramentos de moradores de zonas rurais da região sul do Rio Grande do Sul¹. Trata-se de uma investigação que privilegia os letramentos em contextos não-escolares. As perguntas que se impõem, inicialmente, são: porque estudar práticas de letramento não-escolares de moradores de zonas rurais? Qual a contribuição de um estudo dessa natureza? É preciso levar em conta que estudos das práticas de letramento não-escolares se “inserem num conjunto mais amplo das práticas e disposições relacionadas ao consumo e à produção cultural” (Ribeiro, 2005, p.25), oferecendo, portanto, referenciais importantes para pensar práticas educativas contemporâneas e questões sociais relevantes da atualidade. Para além disso, Kleiman e Matencio (2005, p. 10) indicam que “o sucesso do letramento escolar depende da capacidade do professor de conhecer e se relacionar com práticas não-escolares de letramento construídas por outros agentes em outras instituições ou agências de letramento, que podem ser até mais bem-sucedidas no processo de introdução na cultura letrada”. Nessa direção também indica Ribeiro (1998, p. 12) argumentando que “o conhecimento sobre práticas de leitura e escrita não-escolares (...) é essencial para orientar o trabalho na escola, de modo a que cumpra mais adequadamente sua principal agência de alfabetismo em nossa sociedade”.

A proposta metodológica desta pesquisa vai na direção daquela indicada por Vóvio e Souza (2005) e Ribeiro (2005) que, baseadas principalmente em Lahire (2002, 2004, 2006), reivindicam a importância de estudos que buscam “compreender os

* Grupo de Pesquisa HISALES.

¹ Trata-se de um amplo projeto de pesquisa que abarca vários sub-projetos. No caso dos *letramentos rurais* três estudos são desenvolvidos: 1) análise do projeto Arca das Letras no Rio Grande do Sul, ligado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (“programa de Bibliotecas Rurais da Secretaria de Reordenamento Agrário criado em 2003 para facilitar o acesso aos livros e incentivar a leitura nos assentamentos da reforma agrária, nas comunidades de agricultores familiares e de remanescentes de quilombos”); 2) estudo de práticas de leitura de moradores de comunidades rurais, enfatizando leituras de caráter histórico (leitores de História); 3) investigação de práticas de escrita de agricultores (escrita de diários por agricultores). Pela variedade e grande volume de dados disponíveis na pesquisa, apenas parte desse último estudo é apresentado neste texto.

processos sociais em escala individual”, defendendo a importância de “analisar o social também na escala do indivíduo” (Ribeiro, 2005, p. 27). Para Vóvio e Souza (2005, p. 46) “é preciso abrir espaços para a percepção das singularidades”. Contudo, segundo as autoras, “as investigações que assumem uma abordagem sócio-cultural sobre o letramento precisam combinar um conjunto diverso de situações investigadas” (2005, p. 50). É preciso, então, propor dispositivos metodológicos diversificados que gerem um conjunto variado de informações que permitam compreender quais os sentidos da leitura e da escrita na vida dos sujeitos.

Assim sendo, nesta pesquisa, no intuito de identificar, descrever e analisar práticas de letramentos de moradores de zonas rurais, todos agricultores, com baixa escolaridade, utilizam-se diversificados instrumentos de coleta de dados. No caso do estudo em questão neste trabalho, da prática de escrita de diários por agricultores², associamos a análise dos próprios cadernos com entrevistas semi-estruturadas. Realizamos leituras verticizadas e horizontalizadas dos cadernos. Mapeamos e categorizamos as escritas dos diários tomando dias, meses, anos comparativamente (de um mesmo agricultor), além de estabelecer relações entre diários de irmãos, primos, pais e filhos.

Do ponto de vista da vinculação teórica, articulam-se, na investigação, estudos de autores ligados à história da cultura escrita ou àqueles que têm problematizado o conceito de *cultura escrita* ou *cultura do escrito* e autores que se ocupam de investigações no campo das práticas de letramento escolares e não-escolares. Entre os primeiros destacam-se Chartier (1999, 2001, 2007), Petrucci (1999), Vinão Frago (1993, 1999, 2004, s/d), Gómez (2001, 2003, 2004), Britto (2004, 2005). Em relação aos segundo, as referências são: Soares (1995, 1998, 2004), Ribeiro (2004, 2005) e Kleiman (2001, 2005), principalmente.

1. As contribuições dos estudiosos da História da Cultura Escrita

Para Gómez (2003), a história da cultura escrita é “resultado de uma tríplice conjugação: história das normas, capacidades e usos da escrita, história do livro e, por extensão, dos objetos escritos (manuscritos, impressos, eletrônicos ou qualquer outro

² Foram coletados diários de 3 agricultores. Contudo, neste trabalho, analisamos apenas o conjunto de diários de um agricultor: Aldo Schmidt, 60 anos, que escreve diariamente desde 1972, portanto há 36 anos. O conjunto de seus diários somam 10 cadernos.

suporte), e história das maneiras e práticas de leitura” (p. 97). Na perspectiva do autor a História da Cultura Escrita “deve constituir o ponto onde confluam duas tradições que até então haviam percorridos caminhos paralelos: de um lado a história da escrita e de outro a história do livro e da leitura” (p. 97/98).

Chartier (2001) afirma que “não se pode falar de uma cultura do impresso, da leitura dos livros impressos, sem antes situar essa prática ou esses objetos em um marco mais amplo, que é o que define em uma sociedade a cultura do escrito. E a cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, etc. (...) Na cultura do escrito há um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática da escrita literária” (p. 84).

Para Britto (2005, p. 15), cultura escrita caracteriza “um modo de organização social cuja base é a escrita – algo que não se modificou em essência mesmo com o advento das novas tecnologias, resultantes do modo de fazer ciência e da organização do sistema produtivo que se constituíram na sociedade ocidental. (...) Cultura escrita implica valores, conhecimentos, modos de comportamentos que não se limita ao uso objetivo do escrito”. Desde sua invenção a escrita é símbolo de distinção e de poder. A divisão social entre analfabetos e alfabetizados continua fazendo da leitura e da escrita, nos dias atuais, sinal de poder e fator de hierarquização social.

Em relação à leitura Chartier (2001, p. 126) argumenta que “há múltiplas práticas de leitura que não são necessariamente práticas cultas, ou profissionais, ou ‘legítimas’. Para o autor, “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular”. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante aqueles que pertencem à mesma comunidade (Chartier, 1999, p. 91/92). O mesmo vale para o caso da escrita: são guiadas por intenções como colocar em ordem, administrar, registrar, estabelecer comunicação ou a tomada de identidade (Albert, 1993). O que podemos afirmar é que a escrita procura satisfazer necessidades individuais dando sentido a essas práticas. Por isso é que podemos escrever desde uma lista de supermercado até sobre nossa vida íntima, sendo que cada produção é impulsionada por um sentido diferente.

Ler e escrever são práticas que supõe muitas habilidades e só tem sentido quando situadas social e historicamente, portanto, na história da cultura escrita, leitura e escrita não podem ser práticas separadas. Soares afirma, ainda, que as “habilidades e

conhecimentos de escrita (...) devem ser utilizadas diferencialmente para produzir uma grande diversidade de materiais escritos: desde a simples assinatura do nome ou a elaboração de uma lista de compras até a produção de um ensaio ou de uma tese de doutorado” (1995, p.9). Ler e escrever são processos culturais que não podem ser reduzidos, pois cada indivíduo tem um processo mental e cognitivo diferente a cada leitura ou a cada escrita. Na dimensão social, leitura e escrita implicam em um conjunto de práticas sociais exercidas no contexto social: “é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita em determinado contexto” (Soares, 1995, p.10). Para a autora, ler e escrever não são categorias polares, mas sim complementares e que exigem um conjunto de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos. Do mesmo modo, as habilidades de conhecimentos da escrita, conforme a autora, “estendem-se desde a habilidade de simplesmente transcrever sons até à capacidade de comunicar-se adequadamente com um leitor potencial”. Dessa forma, entende-se com mais clareza a prática da escrita cotidiana dos agricultores, pois a “habilidade” da escrita oferece uma variedade de produções.

Assim procuramos compreender a leitura e a escrita de moradores de zonas rurais: observando a grande diversidade do escrito nesses contextos e os muitos sentidos atribuídos à leitura e à escrita por esses sujeitos, que, via de regra, possuem pouca escolaridade, mas alto grau de letramento. Os estudos do letramento são, aliás, outra contribuição teórica importante na pesquisa em questão.

2. Os estudos do letramento: contribuições para compreender a leitura e a escrita entre moradores de zonas rurais

O trabalho da pesquisa também procura colocar em evidência que escrita e leitura não são elementos somente urbanos, mas o resultado de práticas sociais diferenciadas, visto que, na sociedade, há modelos e representações de escrita historicamente instituídos, que tomam essa prática, na maior parte das vezes, como atividade escolar e profissional e sendo exclusiva de pessoas com alta escolaridade e/ou alto poder aquisitivo, que ocupam outros espaços sociais – a cidade, por exemplo. Por esse motivo, o estudo volta-se para a zona rural, pois, muitas vezes, é considerada como o lugar apenas do trabalho braçal, “desprovido” de bens culturais. A escola e a zona urbana são tomadas como espaço educativo de acesso a bens culturais por excelência, entre eles a

escrita. Nesse trabalho, buscamos mostrar que a escrita não é apenas “urbana”, procurando desmistificar a falsa impressão que ela inexistente no campo.

Ao analisarmos os dois opostos campo/cidade, sabemos que ambos têm uma interdependência, mas a cidade ainda é considerada como o lugar “mais desenvolvido”, sendo desejado por muitos moradores da zona rural, o que resulta em muitos casos de migração no campo. Nesse sentido, o campo é “abandonado” por muitas pessoas que buscam na zona urbana a tão propalada oportunidade de ascensão social.

No caso desta pesquisa, a zona rural é o *locus*, os agricultores são os sujeitos e as suas práticas de escrita é que estão em evidência. Através deste estudo também pretendemos explicitar que há práticas sociais de escrita diferenciadas, as quais a escola não é a única responsável em desenvolver. Outras formas não-escolares de escrita são possíveis e existem sem serem, muitas vezes, reconhecidas socialmente, pois, quando pensamos em ler ou em escrever, imediatamente nos vêm à mente as práticas escolares ou as práticas profissionais formais do emprego da leitura e da escrita. Certamente que o ambiente que marca sistematicamente essas duas habilidades é o ambiente escolar. Mas o que podemos pensar é que fora da escola também se lê e se escreve de modos diversos, muito singulares, para as mais diferentes necessidades e motivações, nos mais diversificados grupos e locais, independente do nível de escolaridade que se tem.

Por isso, apresentamos a escrita de diários como o fenômeno do letramento não-escolar. Para Magda Soares (1998, p. 18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Kleiman (2001, p. 19) letramento pode ser definido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Para Ribeiro (2005, p. 19) o conceito de letramento como fenômeno social complexo abarca “diversos graus e tipos de habilidades de uso da língua escrita e seu uso efetivo em práticas sociais, assim como o modo como indivíduos e grupos atribuem significados a essas habilidades e práticas”. Nessa perspectiva que temos identificado várias práticas de leitura e de escrita entre moradores de zonas rurais; “usuários” competentes da leitura e da escrita, naqueles contextos e naquelas situações, que ressignificam a vida através das práticas de ler e escrever.

Essas situações podem ser as mais variadas possíveis desde a leitura de um romance ou da Bíblia, a escrita de um poema ou de diários. Do conjunto de dados que dispomos na pesquisa optamos em apresentar aqui o caso de um agricultor que há 36 anos escreve diários, ininterruptamente, invariavelmente, cotidianamente, sem deixar a escrita do diário sequer por um dia nem delega-la à outra pessoa.

3. Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor - uma prática de escrita “masculina”

É possível, através da escrita, como indica Chartier (2007, p. 9), fixar traços do passado, lembranças dos mortos ou a glória dos vivos. Para o autor, historicamente a escrita teve “por missão conjurar contra a fatalidade da perda” (2007, p. 9). No sentido de não deixar que nada se perca, encontramos os diários de agricultores que através de seus registros ressignificam sua história realizando observações importantes quanto ao trabalho da lavoura, tempo e clima, lazer e ainda aos acontecimentos sociais da vida comunitária. Descrevemos, então, o exemplo do agricultor Aldo Schmidt de 60 anos que há 32 anos (1972-2004) registra sua vida por escrito, embora tenha apenas o ensino primário; trata-se, portanto, de uma “pessoa comum” que ganha “voz” através dos seus diários, escrevendo rigorosamente todos os dias e deixando marcas de sua própria história através da escrita.

Aldo Schmidt, segundo filho mais velho de uma família de doze irmãos, iniciou a escrita de diários no ano de 1972, especificamente na data em que completava 25 anos e morava com seu pai e os irmãos na Colônia Santa Áurea, também município de Pelotas (RS):

À partir do dia 5 de julho de 1972 foi iniciado este diário, que se segue aos 25 anos de idade. Os 25 verões que já passei já ficaram tão distante, mas ainda me lembro dos principais fatos: à iniciar por minha infância por volta do 20 mês de agosto do ano de 1953 pela primeira vez suportei uma fratura quando fracturei a perna brincando de bonde numas conjuntas que meu pai estendia: foi um choque com meu irmão Cleber caímos e não levantei: pela 1ª vez era transportado para um hospital, por meu pai, fui internado na Beneficiencia Portuguesa, sendo minha madrinha tia Amália que me cuidou no hospital; Tirando uns 5 dias baixado voltei para casa com a perna ingeçada ficando quase um mês sem poder caminhar, depois de desengeçada a perna voltei a vida normal. [...].

Atualmente mora com a esposa e os dois filhos na Colônia Santo Antônio, 7º distrito de Pelotas (RS/ Brasil). Ocupa-se com a plantação de vassouras, milho, frutas

(pêssego/laranja) e com produção de leite. Sua casa localiza-se num terreno alto, sendo avistada da estrada principal antes da chegada. Ao lado direito do caminho de chegada, é avistada uma chácara de laranjeiras e ao fundo da casa podemos ver os galpões. Em fevereiro de 2007, data da única entrevista, Aldo preparava a secagem das vassouras, o que é possível observar na figura abaixo. Esse vegetal, depois de seco, serve para a fabricação de vassouras, justificativa do próprio nome.

Na entrevista realizada com Aldo, ele revelou o que sente em relação aos diários com uma simples frase: “aqui está toda a minha vida”, deixando sobre a mesa os onze cadernos escritos. Ao dizer isso, Aldo atribui um sentido para sua prática de escrita: deixar a sua vida por escrito. Aldo institui um significado para a “escrita de si” e jamais delega essa tarefa para a esposa ou para os filhos, por exemplo. Para ele, o diário é um “ato biográfico”, pois dá um significado especial para algo que está diretamente relacionado à sua vida: a prática da escrita. Assim como o trabalho com a terra é importante, porque dela retira seu sustento, a escrita, para Aldo, também é o que “sustenta” a “produção de si”.

O começo da escrita compõe-se de algumas páginas rememorando sua infância e os principais fatos de sua vida até a idade dos vinte e cinco anos, em julho de 1972. Desta forma, Aldo narra a sua vida até, como ele próprio diz, os seus “25 verões”. Com isso, toma “distância de si mesmo” para enxergar-se, produzir-se enquanto sujeito que pertence ao mundo rural. Escreve com as mãos calejadas pelo arado, pela enxada que cava a terra, assim como a caneta marca sua escrita no diário. Escreve para trazer o passado vivido para o presente.

Traz recordações do tempo da infância, do primeiro dia de aula – “*no dia 5 de março de 1955 pela primeira vez me arrumava para ir para a aula*”; as notas escolares com precisão; a Copa do Mundo de 1962 no Chile – “*quando Brasil foi bi-campeão*”; o primeiro baile – “*no dia 8 do mês de maio de 1966 fui ao 1º baile no Salão Bosembecker*”; o ingresso no quartel e os colegas de pelotão deste período; seus deslocamentos para outras cidades; seus treinamentos; suas pretendentes; a primeira carta de amor; a primeira visita na casa da namorada Nair Belletti – “*pela 1ª vez chegava a sua residência para lhe visitar*”; a sua eleição como membro de uma comunidade religiosa.

Com sua narrativa, Aldo realiza um olhar sobre si (Souza, 2006, p.102) através do tempo, recordando para revelar-se. Nas palavras de Souza:

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar às experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é o situar-se no passado e no presente.

No caso dos diários, o domínio do tempo é um fator importante, pois a escrita de si deseja reter o tempo constituindo o lugar da memória. O tempo é o vínculo entre a memória e o que foi vivido.

O agricultor faz um registro consciente da sua vida e, por isso, a denominação de escritas ordinárias, pois se o seu objetivo fosse a consagração da sua obra, lhe seria pertinente escrever a autobiografia da sua vida ou, ainda, um livro de memórias.

Para Aldo, a escrita era/é uma necessidade “bem intencionada”, conforme Artières (1998, p. 11): “o arquivamento do eu ou a intenção autobiográfica”. Poderíamos acrescentar que esses aspectos fazem parte do processo de construção da subjetividade do sujeito através de sua escrita, ou seja, o processo de arquivar a própria vida acaba por produzir a própria identidade. Por isso que sua narrativa ganha significado, pois tem na experiência sua base existencial (Souza, 2006). Aldo cultiva a lavoura e “cultiva” também seus diários e, assim, as escritas ganham sentido em sua vida: a de constitui-ser como sujeito.

Seus três primeiros diários são encapados com papel colorido e com um plástico, dando um aspecto de cuidado; as linhas são preenchidas, dia-a-dia, sem espaçamentos, mas com uma caligrafia bem legível. Isso nos faz perceber seu gosto e zelo pelos diários. Na entrevista, observa-se um fato interessante em relação às suas explicações para as escritas dos diários:

Eu sou um meio esquecido, bastante, esquecido não, relaxado. Porque eu anoto ali, eu sei que tá anotado e aquilo não me fica na cabeça né, então se alguém me pergunta alguma coisa, ah, tem que olhar [...] tu relaxa a mente. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

A escrita de Aldo permite uma forma de memória: escreve no diário e “relaxa” a mente, visto que, quando houver necessidade, ele sabe que terá acesso para revisitar o passado. Pensando a escrita enquanto estratégia de memória, Aldo deixa claro, além de outras funções, é, também, uma estratégia de lembrança. Nas escritas do agricultor, ao folhear a página do diário, o dia que ficou ali registrado é imediatamente recuperado

através do papel: detalhes do tempo, de acontecimentos mais importantes, como foi exatamente aquele dia. Tudo é visualizado em questão de instantes:

Às vezes eu pego um caderno desses aí, e eu leio aí, tal dia tal, o que foi feito eu me lembro, como se eu tivesse feito ontem! Então um dos fatores que me levou a fazer isso aí é: o passado trazendo o presente de novo. (Aldo Schmidt, 2007).

A possibilidade de ter “o passado presente de novo” é o sentido primeiro da escrita para Aldo. Ele não escreve simplesmente para “lembrar fatos”, acompanhar e controlar o trabalho, mas, sobretudo, para produzir sua identidade, deixar sua vida por escrito, narrar sua existência, estruturar um olhar sobre si, revelar-se (Souza, 2006).

É importante enfatizar que Aldo registra seus “25 verões” e 32 anos de vida nos seus diários sem deixar a escrita sequer por um dia, para além disso, a contabilidade da casa também é “controlada” através de registros. Sua renda, “entradas e saídas” também são registradas em cadernos separados dos diários, desde o ano de 1976. Mais uma vez, se confirma que os sentidos da escrita de diários para Aldo não é apenas o seu trabalho, pois, se fosse, apenas o caderno de contabilidade bastaria para o controle de suas atividades.

Aldo justifica o começo de suas anotações referentes à contabilidade da casa:

No tempo de solteiro, isso não, o negócio do financeiro não entrava, agora, depois que eu comecei a trabalhar por minha conta, eu tenho anotado tím tím por tím tím, se é com higiene, se é com saúde, se é com veneno, se é com diversão, despesa, e a entrada também com que que foi. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Os cadernos de contabilidade da casa, com o controle dos lucros e despesas, não serão abordados em profundidade nesse estudo. São apresentados para, mais uma vez, confirmar que os registros de Aldo têm características diferenciadas: nada escapa de suas escritas, nem ao menos os gastos com higiene, tudo é minuciosamente registrado. Desta forma, ele deixa muito mais que um legado para sua família, deixa uma *herança*. Enoir, seu filho mais velho, confirmou no dia da entrevista, em 08/02/2007, que também começou a escrita de diários, segundo ele, de uma maneira bem mais simples que a do pai, fato que merece atenção para uma futura análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho o objetivo principal foi o de analisar os sentidos da escrita de diários de um agricultor com pouca escolaridade, morador da zona rural. Caracterizou-se por uma pesquisa no campo da cultura escrita e teve como foco principal os diários escritos por Aldo Schmidt.

Trabalhar com as escritas desse agricultor revela outros espaços e outras instâncias, desvelando alguns “mitos” da zona rural. Problematizar o tema da escrita numa perspectiva social e cultural não é tarefa fácil, pois envolve valores, crenças, usos dessa prática cultural. Nessa pesquisa, evidenciou-se que a escrita é tratada pelo agricultor como um bem simbólico, um valor, ou, como diz Lejune (1997), “o guarda memórias” de uma vida.

Por isso, o estudo procurou mostrar um caso singular: os sentidos da escrita não escolar de um agricultor com baixa escolaridade. Nesse caso, podemos afirmar que, embora o agricultor possua pouca escolaridade, apresenta um alto grau de letramento, pois faz uso efetivo e cotidiano da leitura e da escrita. Nesse sentido, é interessante observar as escalas individuais dentro da sociedade: quando falamos em história da cultura escrita, as fronteiras entre o popular e o erudito, alfabetizados e analfabetos, zona rural e zona urbana são aspectos que não estão tão distantes como parecem.

O que a escrita dos cadernos diários revela, quando se trata da história da cultura escrita? Poderíamos fazer uma analogia: os cadernos são a nossa biblioteca e as escritas desses são os objetos que “guardam” a história. Muitas vezes, cometemos “o erro” de pensar que é só nas bibliotecas que estão os grandes patrimônios ou até mesmos nos museus. Sem deixar de considerar a importância desses, referimos-nos aos cadernos diários da pesquisa como um grande *patrimônio do escrito*. Um patrimônio do escrito que será preservado e passado através das gerações para os filhos de Aldo, que também começaram seus registros diários. Um patrimônio do escrito deixado por um agricultor, com pouca escolaridade, mas que tem consciência de que pode “trazer o passado de volta ao presente” através de seus registros. Um patrimônio do escrito que nos dá nova significação para as práticas escolares de escrita: a escrita serve, além de tudo, para a vida! Arquivar a sua história, escrever para deixar os seus traços vividos e registrados, muito além do registro do trabalho na lavoura, eis a motivação de Aldo.

É importante dizer que esse estudo também pretende ressignificar o contexto escolar e suas práticas de escrita. Conforme Vóvio (2005) e Souza (2005), “o que se quer é deixar de lado estereótipos sociais nos quais são enquadrados sujeitos e que, na maior parte das vezes, não permitem reconhecer ou identificar possibilidades

individuais trilhadas em um campo social compartilhado”. Por isso que a prática de Aldo nos faz repensar o contexto da escola e as diversas funções da escrita em nossa sociedade: escrita enquanto estratégia de memória, como organização do pensamento, como correspondência, escrita *da* e *na* vida, registro do que se fez ou do que se fará no dia.

A escrita, no contexto escolar, deve ser também pensada na perspectiva social, e não apenas em uma perspectiva individual. Deve levar em conta os usos e as práticas que os indivíduos utilizam cotidianamente.

Finalizando, ressaltamos a importância da pesquisa que procura trazer contribuições à escrita como uma prática cultural. Através dessa prática, Aldo constrói uma identidade para si, através da escrita masculina, em um contexto singular: a zona rural. Para Gomes (2004, p.11), “o ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através dos seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado”, e isso, para Aldo, é a certeza de existir através das palavras, contando de noite o que foi feito durante o dia, deixando um verdadeiro “*patrimônio do escrito*”.

Referências

- ALBERT, Jean Pierre. La Maison des Écritures. In: FABRE, Daniel (org.). *Écritures Ordinaires*. Paris. Centre Georges Pompidou. Bibliothèque Publique d' Information, 1993.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. *Revista de Estudos Históricos*, p.9-34, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo. Global, 2004.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral (org). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar. Cultura Escrita e literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.
- GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. *Historia de la cultura escrita*. Del próximo Oriente Antiguo A la sociedad informatizada. Gijón/Asturias: Ediciones Trea, 2001.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*. SBHE. Nº 5. São Paulo: Autores Associados, janeiro/julho, 2003.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Leer y escribir en la era de Internet: problemas e desafios de la cultura escrita. *Educação e Realidade*. V. 29, n. 2, jul/dez, 2004. p. 41-54.

KLEIMAN, Ângela. Introdução: o que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela (org.). *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2ª reimpressão, 2001.

KLEIMAN, Ângela e MATENCIO, Maria de Lourdes M. Apresentação. In: KLEIMAN, Ângela e MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Letramento e Formação do Professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural*. Os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos*. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artemed, 2006.

LEJEUNE, Philippe. O Guarda-memória. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.19, 1997. Disponível por: <http://cpdoc.fgv.br/revista/arq/213.pdf>. Acesso em: 22 jun. 07.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedade*. Barcelona: Ed. Gedisa, 1999.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo e atitudes. Pesquisa junto a jovens e adultos paulistas. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 9, set/out/nov/dez, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo Global, 2004.

RIBEIRO, Vera Masagão. Uma perspectiva para o estudo do letramento: lições de um projeto em curso. In: KLEIMAN, Ângela e MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Letramento e Formação do Professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

SOARES, Magda. Língua Escrita, sociedade e cultura. *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez, Nº 0, 1995.

SOARES, Magda. *Letramento*. Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo Global, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Alfabetização na sociedade e na história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VIÑAO FRAGO, António. *Leer y escribir. Historia de las prácticas culturales*. México: Fundación Educación voces e vuelos, 1999.

VIÑAO, Antonio. Bibliotecas, “culturas escolares” y formacion de profesores. *Educación e Realidade*. V. 29, n. 2, jul/dez, 2004. p. 65-88.

VÓVIO, Cláudia Lemos e SOUZA, Ana Lúcia Silva. Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In: KLEIMAN, Ângela e MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Letramento e Formação do Professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.